

SIMBIOSE

Por Luciana Veras

Os minutos iniciais de *Simbiose* (2016) trazem a voz doce de Maria dos Prazeres de Souza a entoar uma cantiga que parece resumir todo o enredo do curta-metragem: “Não adianta menosprezar as parteiras, pois é quem chega primeiro na hora que precisar... Nosso trabalho é um pouquinho diferente, quem quiser confie na gente para dentro do seu lar. Seja em favela, qualquer classe social, onde tem uma parteira, o seu parto é normal... Com muito amor, carinho e devoção sempre tem no coração mais um pouquinho para dar”.

Primeiro filme dirigido pela antropóloga pernambucana Júlia Morim, *Simbiose* está lastreado na mulher que faz convergir, em si, vigor e candura, exatidão e sensibilidade. Dona Prazeres é apresentada como a detentora de um saber ancestral que ela se dedica a manter, com capacidade de articulação, resistência e devoção ao ofício de “pegar menino”. Nas ruas do bairro onde mora, em Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife, na intimidade da sua casa, mexendo nos objetos que leva às casas onde vai para ajudar as mães a parir, a pequena senhora se agiganta ao longo dos vinte minutos de narrativa. De modo simples, eficaz e comovente, a escuta de sua fala é feita com delicadeza e respeito – não somente à história da protagonista, mas a todas as parteiras evocadas por ela nos versos que abrem o documentário.

Simbiose foi feito com recursos do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura - Funcultura, a partir do edital específico para o audiovisual. Conta a diretora que a ideia surgiu durante o processo de pesquisa que culminou na criação do Museu da Parteira. O museu, fruto e motivo de uma exposição sediada no Museu do Homem do Nordeste entre novembro/2016 e abril/2017, é “um projeto em construção, que vem ajudando a documentar, expor, valorizar e comunicar as práticas e saberes das parteiras tradicionais”. Tem, como principal intuito, a inclusão dos saberes das parteiras na lista de patrimônios culturais imateriais do Brasil.

“Quando começamos a fazer o trabalho com as parteiras, com foco nessa perspectiva cultural, e não na questão de saúde, fizemos o registro escrito e fotográfico na pesquisa e ficamos com vontade de ter um registro audiovisual. Prazeres é quem nos deu o estalo. Como não querer contar a história dela? Ela é uma mulher que está sempre aprendendo, fazendo a simbiose, como diz, entre o tradicional e o curso de enfermagem, por exemplo. Ela diz que usa o melhor dos dois, que escuta tudo e tira o que for melhor para ela na hora de ajudar as mulheres a darem à luz. Aos 80 anos, Prazeres é uma mulher em construção, sempre aberta. Isso ensina muito”, observa Júlia Morim, que integra o Grupo de Pesquisa Narrativas do Nascer, vinculado ao Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE.

Se por um lado *Simbiose* espelha a força de dona Prazeres (em determinado momento, ela revela que parteira dá, também, “a real” no pai que não quer assumir o filho, mas que vai,

levado pelas “mãos que enxergam”, até o cartório registrar o bebê), por outro se revela o fruto de uma reconstrução interna. Pesquisadora na essência, Júlia nunca se imaginou dirigindo um filme, mas agarrou a oportunidade ao lado de parceiros com quem convive há muito tempo: o marido, Marcelo Lacerda, fez a direção de fotografia ao lado de Marco Antônio Duarte; a cunhada Mariana Lacerda, cineasta que dirigiu os documentários *Menino-aranha* (2008), *Pausas silenciosas* (2013) e *Baleia Magic Park* (2015), entre outros, contribuiu com o roteiro; e a produção é dividida com Maria Chaves, parceira de Júlia na elaboração da pesquisa biográfica “Eu Acho é Pouco – Como o Carnaval se vestiu de vermelho e amarelo”, que radiografa a trajetória de um dos mais tradicionais e politizados blocos carnavalescos de Pernambuco.

É importante ressaltar a estrutura afetiva na qual se ancora *Simbiose* porque, afinal, o ofício das parteiras persiste no turbulento Brasil de hoje por conta, também, do afeto que essas mulheres têm e partilham – o amor pela tarefa que executam há décadas, pelas mães que assistem, pelas crianças que ajudaram a vir ao mundo. O filme aponta, também, em direção a uma outra chave essencial para se manter de pé no atual ambiente hostil do nosso país: a necessidade de um contínuo e constante fortalecimento da mulher e a difusão de um discurso feminino e feminista.

Simbiose é, portanto, o resgate da memória de uma mulher e uma ode a essa mesma mulher que espelha outras tantas milhares no Brasil. Negra, moradora da periferia, idosa, dona Prazeres se encaixa em diversas estatísticas que, em época de eleição, por exemplo, abrem-se para interpretações das mais distintas. Sua sabedoria, contudo, rompe com qualquer tentativa rasa de rotulação, ou mesmo com o pendor para a fabulação que o cinema detém como tão peculiar. Na simbiótica relação que, diariamente, estabelece com o ato de nascer e a possibilidade de não vingar, ela, Prazeres, simboliza a vida. Ela é a própria vida.